

UMA ESCRITA DE PERCURSO(S): RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA DE GEOGRAFIA EM FORMAÇÃO INICIAL

Camila Vitória de Oliveira¹
Raphaella de Toledo Desiderio²

INTRODUÇÃO

O texto trata de um relato de experiência de uma professora em formação a partir da sua trajetória de atuação no Programa de Residência Pedagógica - Núcleo Geografia Erechim/RS³. A partir da própria trajetória de formação, apresentam-se elementos para pensarmos a respeito da contribuição do programa na formação de futuras professoras e professores de Geografia e sua inserção na carreira docente. Questões que envolvem o processo de atuação no programa são trazidos para reflexão no sentido de criar espaços de escrita que funcionem como espaços de experimentação, ou seja, que possibilitam o movimento de pensar o próprio processo de formação a partir da cartografia como método de pesquisa-intervenção (Passos; Kastrup; Escóssia, 2012).

A partir de dois momentos específicos das atividades no programa, refletimos sobre a importância da inserção dos licenciandos nas escolas, e trazemos à tona questões relacionadas à docência como: qual tipo de professora serei? O que posso fazer diferente do que considero, a partir da minha experiência como estudante, ruim? Que tipo de relação irei construir com os estudantes? Conseguirei dar conta de tudo mesmo com tantos obstáculos e fatores que só desmotivam os professores a continuar nesta profissão? Aos poucos ia construindo perguntas que gostaria de responder a partir da minha vivência no programa.

Essas questões se misturam aos sentimentos que envolvem a realidade da prática da formação de uma professora: receio, angústia, insegurança e dúvidas são alguns desses sentimentos que trazemos para a escrita ao colocar em movimento o processo de formação inicial. Esse trabalho é resultado de fragmentos de uma trajetória de formação docente e os sentimentos que envolvem essa dinâmica.

Nesse sentido, trata-se de problematizar algo que não é específico da relação direta do residente com o conteúdo escolar, mas das sensações que compõem esses espaços de experiência e como estes interferem no processo de formação.

Acreditamos que esses sentimentos não se limitam aos que participam desses programas, mas de todos os estudantes das licenciaturas diante dos desafios da formação docente e das relações que compõem o cotidiano escolar. O processo de formação também é atravessado por um caminho de pesquisa que se constrói ao longo das perguntas que são elaboradas durante o fazer, durante a prática. Escrever sobre a experiência é fundamental para um exercício de docência que se constrói, que não está dado e que toma as relações como parte de um processo investigativo.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia - 8º semestre. Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim-RS. oliveiravcamila2001@gmail.com

² Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Orientadora. Prof.^(a) do Curso de Geografia - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul. raphaella.desiderio@uffs.edu.br

³ Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa no Programa Residência Pedagógica.

1 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho é de caráter teórico-empírica, já que se trata de um relato construído com base em registros realizados durante atuação da autora no Programa Residência Pedagógica - Núcleo Geografia Erechim/RS. Esses registros foram elaborados durante as atividades de observação e regência em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental e uma do 1º ano do Ensino Médio, ambas da escola campo Colégio Estadual Haidée Tedesco Reali.

Trata-se de uma pesquisa de percurso em que o desafio não é atingir metas pré-estabelecidas, mas considerar o próprio caminho de pesquisa através de pistas que orientem esse percurso, considerando os efeitos do processo envolvendo o pesquisador, o objeto de pesquisa e seus resultados (Passos; Barros, 2012).

Para isso utilizamos registros elaborados em caderno de campo individual e pesquisa bibliográfica, objetivando criar uma escrita que permita que a autora reflita sobre o seu próprio processo de formação inicial e construa através da escrita, uma narrativa que aproxima a pesquisa da prática. Portanto, se configura como um modo de fazer, como um exercício de atenção para com as diversas situações que ocorrem nos cotidianos das escolas, e que, por isso, podem se tornar uma problemática de pesquisa em educação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Estudante do 8º semestre do curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Erechim/RS começo dizendo que a minha trajetória de formação começa em 2021, quando participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. Naquele contexto, minha participação no programa ocorreu de forma remota, pois como é de conhecimento geral, no início do ano de 2020 enfrentamos uma pandemia mundial decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). As escolas, consideradas serviços essenciais, foram fechadas e as atividades presenciais foram suspensas.

Todas as minhas práticas e experiências de contato com estudantes e escola, tinham, até então, ocorrido de modo virtual.

Antes de ingressar no curso de licenciatura, tinha muitos pensamentos sobre o que era ser professora. Durante um tempo, muitos dos meus professores da educação básica serviram de exemplo, alguns eu julgava como exemplos positivos e outros exemplos negativos. Quando iniciei o curso de graduação em licenciatura, tive muitas ideias do tipo de professora que gostaria de ser e muitos dos professores que me serviram de exemplos, passaram a ser referências neste processo. Ao acionar as minhas memórias escolares, classificava os professores e suas práticas, a partir do que eu conhecia, e pensava sobre os aspectos negativos, ou seja, sobre o que não gostaria de repetir quando ocupasse esse lugar.

Ao observar as aulas de Geografia na escola campo e fazer anotações em meu caderno de campo, ia refletindo sobre esse lugar que os docentes ocupam e lembrava das minhas aulas e professores que passaram pela minha vida até hoje e isso me levou a compreender um pouco mais sobre a vida das professoras e professores. Os sentimentos de receio, angústia, insegurança e dúvidas iam surgindo à medida em que o tempo ia passando e minha entrada em sala ia se aproximando.

Em minha primeira atividade de regência com uma turma do 1º ano do Ensino Médio, percebi que não havia muita interação entre mim e os estudantes, e passei a questionar se isso seria um problema em relação a construção de conhecimento. Sabia que era o nosso primeiro encontro e que não havia criado nenhuma relação com os estudantes daquela turma e que era uma estranha na sala de aula. Depois de passar por essa primeira situação, quando iniciei as aulas no 7º ano, decidi me apresentar de uma forma mais descontraída. Permiti que ficassem à vontade para me fazer perguntas, que pudéssemos nos conhecer melhor e eu não parecesse uma estranha, assim como na outra turma. A partir dessas experiências, mais perguntas surgiam e mais eu pensava sobre o quanto é importante estabelecer relações, interagir e dialogar com os estudantes para que os processos de aprendizagem sejam mais significativos ou o quanto essas relações interferem no modo como os sujeitos aprendem. Era cada vez mais importante pensar sobre essas interações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dois momentos que trouxe para a escrita desse texto, foram muito importantes para que eu pudesse refletir a respeito das questões sobre a docência que eu sempre carreguei comigo, da importância das relações com os estudantes e como podem ou não interferir no processo de construção do conhecimento, e principalmente sobre o que é ser professor e como isso pode interferir no processo de construção do conhecimento.

A partir das atividades de regência, percebi a diferença que faz dialogar com os estudantes. Percebi a diferença que faz ouvi-los e descobrir o que sabem sobre o conteúdo/tema que será trabalhado, ou seja, percebi que modos distintos de estabelecer relação com os estudantes, também modificam o modo de funcionamento de uma aula. As perguntas que eu trazia não tinham respostas prontas, ao contrário, se tornavam perguntas para pensar. A partir das respostas dos estudantes às perguntas que eu os fazia sobre o tema que seria trabalhado, construía meus planejamentos e desenvolvia o conteúdo, e compreendia a importância da participação dos estudantes em sala.

Acredito que a valorização das ações e iniciativas dos alunos por mais que sejam mínimas é algo essencial, outra forma de trazer os alunos para as aulas é levando tarefas que instiguem a curiosidade deles que os façam ter gosto e amor pelas aulas e pela escola, fazendo com que os alunos se sintam pertencentes daquele espaço. Nesse sentido, compartilho com bell hooks quando se refere a prática do diálogo, segundo a autora:

a prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem número de outras diferenças (hooks, 2017, p.174).

No conceito de comunidade pedagógica apresentado por bell hooks, os alunos se sentem à vontade para participar das aulas, trazendo assuntos e experiências que enriquecem ainda mais o aprendizado. A educação é um processo de construção coletiva, que envolve alunos, professores e a comunidade. Ela está nos diálogos, na troca de relatos e na criação de laços.

No momento em que iniciei as regências tive muitas frustrações, pois em alguns momentos senti que estava repetindo o mesmo caminho dos meus exemplos negativos. Idealizei uma maneira de trabalho e desenvolvimento das aulas de uma forma e me decepcionei muitas vezes quando as minhas aulas não atendiam às expectativas que eu mesma havia criado.

Ao retomar às questões que levantei lá no início, penso que quando iniciava as aulas durante a regência minha metodologia era baseada nas minhas experiências, as que tive durante as aulas na Educação Básica e também dos docentes que tive ao longo da graduação.

Quando percebi que estava repetindo o mesmo caminho dos meus exemplos negativos, resgatei as palavras de bell hooks (2017). A autora trata da necessidade de que o professor esteja sempre em constante processo de autoatualização, buscando metodologias ativas para que o processo de aprendizagem do aluno seja significativo. Considerando que o conhecimento se constrói conjuntamente, acredito que ainda tenho muito a aprender na carreira docente. levando em consideração o conceito de autoatualização, ainda vou construir muitas metodologias para tornar o aprendizado dos meus alunos mais significativos.

CONCLUSÃO

Programas como o PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e Residência Pedagógica - PRP, são essenciais, pois propiciam aos estudantes das licenciaturas, o contato com as escolas do início ao fim da graduação. Ao longo do caminho, aprendi que ser professor vai muito além das idealizações iniciais, e que a realidade da sala de aula pode ser em certa medida preocupante. No entanto, encontrei apoio e inspiração em conversas com meus colegas do programa.

Minha trajetória para me tornar uma professora permanece uma constante busca por autoconhecimento e aprendizagem. Apesar de ainda não ter todas as respostas para as perguntas sobre que tipo de professora serei e como superar os desafios da profissão, tenho a certeza de que estou rodeada por colegas, professores e uma rede de apoio que estará sempre disposta a me ajudar nesta construção. Estou confiante de que a Residência Pedagógica desempenha um papel fundamental nessa construção, contribuindo significativamente para o meu crescimento e autoconhecimento. Através desse programa, estou adquirindo as ferramentas, habilidades e experiências possíveis para enfrentar os desafios da sala de aula.

REFERÊNCIAS

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOCIA, L. (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. de Marcelo Brandão Cipolla. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.